

A

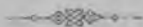
# JOSÉ ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO

bibRIA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

RUA DOS CALAFATES, 440

1866

1350

JOSÉ ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO  
bibRIA

**bibRIA**

A

# JOSÉ ESTEVÃO

VERSOS

DE

BULHÃO PATO

bibRIA

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.

RUA DOS CALAFATES, 40

—  
1866

1083 EASTMAN

**bibRIA**

## ADVERTENCIA

Escrevi este livro para serem lidos em Axaró, onde o grande orador abriu os olhos, e onde hoje se pousa no mesmo chão em que descansa o pac, aquelle hourado varão de Plutarcho, que se chamava Luiz Cypriano.

José Estevão está alli bem, ao pé dos que tanto amou, que ainda vivem, e ao lado de seu pac, que partilha, como elle, do profundo somno da morte.

A pomba que vem esvoaçar por entre os cyprestes, que dão sombra á sepultura, é a filha do admiravel improvisador, aquella Joanninha, anjo que no berço se assustou com as tristezas da terra, e bateu as azas fugindo para o scio de Deus!

Publicando estes versos, tributo humilde, mas sincero e de muita saudade, á memoria do notavel genio, aproveito a occasião para agradecer ao primeiro poeta que hoje temos haver espontaneamente publicado, na sua sentidissima carta em resposta ao meu amigo Freitas d'Oliveira, os alexandrinos que apparecem n'esta breve composiçãõ, assim como as palavras de benevolencia que me dirigiu.

Lisboa, 16 de fevereiro de 1866.

**bibRIA** BULHÃO PATO.

JOSE ESTEVÃO

# bibRIA



bibRIA

A

JOSÉ ESTEVÃO

El fa.....  
ma zoni Il Cinto Maggio.

# bibRIA

Eil-o junto de nós dormindo o somno eterno,  
Na terra enfim descança ao pé do chão paterno:  
Ao pae que tanto amor em vida lhe votou  
Tambem na sepultura agora se abraçou.  
Quando ao romper do sol alegre o céo rebrilha,  
Como anjo tutelar desce do Empyreo a filha;  
Bate as azas gentis por entre o cyprestal,  
E solta hymno inspirado ao somno paternal.  
Quem constante lidou, desde a mais tenra idade,  
Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,  
Quando é chegada a hora e deixa a terra enfim,  
A entrada do outro mundo encontra um seraphim.

## II

E quem pois o amor da patria  
Com vehemencia igual sentiu,  
Qual o peito onde surgiu  
Mais ardente hoje esse amor ?  
Quem, como elle, n'um só gesto,  
Quando a turba se atropela,  
Quebra as ondas da procella  
Resistindo ao seu furor ?

E se a mão da prepotencia  
Procurava agarrar e alliva,  
Quem mais prompto e lucido nasceu  
Tinha sempre a respiração  
Era o vil-o ouvir a patria,  
Quando exclama na anciedade :  
« Liberdade, oh ! liberdade ! »  
Com a voz do coração.

Ah ! no exilio, quantas vezes,  
Afogada entre gemidos,  
Murmurára a seus ouvidos  
A voz do paiz natal !  
E ouvindo-a sua alma, em impetos  
Do mais sincero heroismo,  
Sonhava em transpôr o abysmo  
E libertar Portugal !

Então a graciosa aldêa,  
 O val coberto de olmeiros,  
 Os ingenuos companheiros  
 De seus jogos infantis,  
 Tudo aos olhos lhe sorria,  
 Matisado por mil côres,  
 Montes, valles, prados, flores,  
 Céu e luz do seu paiz !

Rompe um dia aurora esplendida,  
 O tambor toca a rebate,  
 No mais fero d' combate  
 Entra luta conquistada !  
 Conquista dos proprios lazes ! ..  
 Mas do campo afasta a vista,  
 Por que enfim n'essa conquista  
 Sangue de irmãos se espalhou !

Era assim : tinha lutando  
 No olhar o fogo supremo,  
 Na voz o poder extremo  
 Que arrebatava a multidão ;  
 Desafiando o inimigo,  
 Entre as nuvens da metralha,  
 Era um tigre na batalha,  
 Na victoria — era um irmão !

## III

Termina a luta fervida,  
Cae na bainha a espada,  
Retorna aos lares placidos  
Da terra sua amada,  
D'esta que herço e tumulo  
Do grande genio foi !  
Se nos assaltos bellicos  
Distincto era o soldado,  
Acções inda mais validas  
Lhe destinara o fado :  
Desprende a voz, e a patria  
Sanda um novo heroe !

Quando se abatem animos,  
Medindo a luta immensa,  
Quando n'alguns espiritos  
Já desfallece a crença,  
Surge imponente e mostra-lhes  
Raiar nova manhã !  
É porque o genio esplendido,  
Que a liberdade inspira,  
É como a voz prophetica,  
Que outr'ora dirigira  
Do Egypto um povo misero  
À fertil Canaan !

Quando com olhos avidos,  
 Em torno a nós medimos  
 A industria, o bem, a gloria,  
 Em tudo, enfim, sentimos  
 Que dera impulso maximo  
 Seu sopro animador !  
 Não raro correm lagrimas  
 De uma saudade infinda ! . . .  
 Quanto não fez ! . . . quantissimo  
 Tivera feito ainda,  
 Se o não roubasse subito  
 A morte ao nosso amor !

## IV

Dorme junto de nós, dorme teu somno eterno  
 Na terra a que votaste o santo amor fraterno.  
 Ao declinar da tarde, ao rebrilhar do sol,  
 Na hora em que descante occulto rouxinol,  
 Virá tambem do empyreo, alegre philomela,  
 A tua ingenua filha, a pomba alva e singela,  
 Esvoaçar gentil por entre o cyprestal,  
 Soltando hymno inspirado ao somno paternal ;  
 Por que, enfim, quem lidou desde a mais tenra idade,  
 Em prol do amor da patria, em bem da humanidade,  
 Quando é chegada a hora, e deixa a terra enfim,  
 À entrada do outro mundo encontra um seraphim.